

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

Resistência e articulação político-social no Terreiro Manzo Kalla Muisu no Distrito Federal

Lorraine Cardoso Dias

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17241>

Submetido em: 2026-07-31

Postado em: 2026-08-03 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

RESISTÊNCIA E ARTICULAÇÃO POLÍTICO-SOCIAL NO TERREIRO MANZO KALLA MUISU NO DISTRITO FEDERAL

LORRAINE CARDOSO DIAS

ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-6465-3168>

<lorrainecardoso.dias@gmail.com>

Universidade Federal de Pernambuco. Recife, Pernambuco (PE), Brasil

RESUMO

O projeto investiga as articulações e vivências do terreiro Manzo Kalla Muisu no Distrito Federal, com o objetivo de compreender como o Candomblé Congo-Angola influencia os modos de vida da comunidade, ultrapassando a dimensão estritamente religiosa e constituindo práticas sociais, culturais e políticas. O estudo parte da hipótese de que as práticas e cosmovisões da comunidade constituem estratégias de resistência, continuidade e inserção do Candomblé na modernidade, dentro de um cenário marcado pelo racismo, pela intolerância religiosa e pelo avanço da extrema direita no país. A pesquisa etnográfica é realizada a partir da observação participante e das interlocuções, o embasamento teórico é feito com o alinhamento de referências clássicas e contemporâneas sobre o Candomblé, a cosmovisão e os modos de vida afro-diaspóricos. Também, busca-se bibliografias que discutem as religiões e as ações político-sociais, o secularismo, a concepção de estado e o espaço público. A pesquisa segue em andamento, portanto, pretende-se demonstrar como as experiências do terreiro expressam uma política de vida que enfrenta racismo religioso e tentativas de apagamento da tradição, contribuindo para o fortalecimento acadêmico, político e social das comunidades de terreiro, bem como para novas leituras do Candomblé na atualidade.

Palavras-chave: Candomblé Congo-Angola, Manzo Kalla Muisu, OSC Inlua, Influência político-social, Resistência.

RESISTANCE AND SOCIOPOLITICAL MOBILIZATION AT THE MANZO KALLA MUISU TERREIRO (FEDERAL DISTRICT)

ABSTRACT

This study investigates the dynamics, practices, and lived experiences of the Manzo Kalla Muisu terreiro in the Federal District, aiming to understand how Congo-Angola Candomblé shapes community lifeways beyond the strictly religious dimension, establishing social, cultural, and political practices. The study posits that the community's practices and cosmologies serve as strategies for resistance, continuity, and the integration of Candomblé into modernity within a backdrop marked by

racism, religious intolerance, and the rise of the far-right in Brazil. The ethnographic research is grounded in participant observation and dialogues with interlocutors, theoretically framed by a synthesis of classical and contemporary literature on Candomblé, cosmologies, and Afro-diasporic modes of life. Additionally, it draws on scholarship examining religion, sociopolitical action, secularism, the concept of the state, and the public sphere. As an ongoing study, it aims to demonstrate how the terreiro's experiences express a "life politics" that confronts religious racism and attempts to erase tradition, thereby contributing to the academic, political, and social empowerment of terreiro communities, as well as offering new perspectives on Candomblé today.

Keywords: Congo-Angola Candomblé; Manzo Kalla Muisu; OSC Inlua; Sociopolitical Influence; Resistance.

INTRODUÇÃO

A pesquisa que proponho se justifica, em primeiro lugar, por nascer de uma trajetória pessoal de pertencimento e participação em comunidade tradicional de terreiro, o que me coloca em posição de compromisso ético e de responsabilidade com os saberes que emergem do Candomblé Angola. Essa vivência de quase uma década, intensificada pela minha iniciação há três anos, me permite perceber a riqueza simbólica das articulações e construir um aprendizado contínuo sobre os ritos, as cosmologias e as formas de organização que sustentam essa tradição. Essa experiência, tanto no âmbito interno dos rituais quanto nas atividades externas do terreiro, possibilitou-me compreender a centralidade da ancestralidade, a vida comunitária e a transmissão oral de saberes. Logo, a partir dessa trajetória, delinco meu interesse em pesquisar as articulações e as vivências da Manzo Kalla Muisu, entendendo-as não apenas como objeto de estudo, mas como um modo de vida que articula dimensões sociais, religiosas e políticas, situando-me em um lugar de duplo engajamento: como pesquisadora e como integrante da tradição.

A ideia inicial era estudar o agenciamento de duas entidades nas decisões pessoais dos indivíduos e como isso refletia em suas vidas públicas. Já era observada a ligação entre as entidades e as escolhas pessoais, principalmente em tomadas de decisões fundamentais para a vida, algo possível de exemplificar até com as minhas próprias experiências. O olhar estava direcionado aos testemunhos de mudança e a ligação com a fé no invisível que se materializa na vida transformada. No entanto, dois eventos redirecionaram esse projeto, foram dois momentos distintos os quais comunicavam a necessidade de mudar um pouco o tema, visto o contexto atual que a roça de Candomblé vivência. A mudança também foi influenciada pelo início do curso de mestrado, pois uma coisa é fazer um pré projeto com ideias em nuvens e outra coisa é o mundo concreto de realizar as disciplinas e se confrontar com as ideias estudadas. Foi no refinamento do olhar na disciplina de metodologia onde

consegui me abrir para escutar algo dito pelo campo, era preciso compreender a comunicação do local e o momento vivido pelo coletivo.

Foi na primeira festa da Pombogira Sete Punhal onde percebi a necessidade de estar com os sentidos apurados para estudar antropologia social, pois, para além da empolgação coletiva por ser a primeira festa em anos de existência e trabalho junto ao pai de santo, havia a ansiedade pela excelência de um bom evento e outras informações apenas lidas pelos olhos de uma boa observação. Os ânimos estavam todos em alta, houve uma fala do Tat'etu Kanamburá sobre a alegria da realização da festa, pois foram anos de trabalho com a entidade e era a primeira vez que teria sua festa. Além disso, aproveitou o momento para discursar sobre a importância do terreiro e das atitudes dos adeptos ante o mundo e disse uma frase significativa: “O terreiro é um espaço político, importante que vocês entendam isso”. Foi a primeira frase escrita no meu caderno de campo, pois ali estava dando início a uma nova história. A minha como pesquisadora e a da casa com as movimentações que viriam. Após esse momento, houve uma peça de teatro do coletivo Kafúa contando a história da Pombogira e em seguida a festa iria começar.

Depois da primeira etapa de chamar a entidade do pai de santo e ela voltar lindamente vestida, ela começou a chamar seus convidados invisíveis para a festa, é o momento em que outras pessoas também incorporam. Nesse momento, a Punhal convidou um homem vestido de terno, sem fios de conta à mostra e sentado no meio dos convidados para se levantar e dançar com ela uma cantiga. Eu olhei para esse moço e pensei já tê-lo visto em algum lugar e sim, eu o conhecia. Era o Ministro dos Povos Indígenas do Brasil, Eloy Terena, que estava ali discretamente observando a festa. Primeiro achei interessante aquela presença e depois fiquei com algumas perguntas em mente, as mais importantes eram: quem o convidou? Havia algum outro interesse dele em estar no terreiro? O que estava posto para mim a partir daquela presença?

Passei o restante do evento e da semana com esses pensamentos, com a presença do Ministro e com a fala do Tat'etu Kanamburá. A partir disso, me abri para observar com uma lupa o momento presente do terreiro e as movimentações individuais e coletivas, as quais eu pude acompanhar pelas redes sociais de alguns adeptos que mantenho contato e pelo grupo de WhatsApp da Manzo Kalla Muisu. Até então, eu estava me organizando para fazer parte da casa de vez com a realização da minha obrigação de três anos. Então, foi realmente um momento novo e de muito aprendizado. Uma semana após a festa estava marcada a minha obrigação e de mais alguns irmãos, que seria iniciada no dia dezoito de abril de dois mil e vinte e seis. Nesse dia, antes das ritualísticas iniciais, o pai de santo

anunciou que receberíamos a visita de um pré candidato a deputado federal, Fábio Félix, o qual iria conversar com a comunidade e depois almoçar conosco.

A partir desse momento, eu tive certeza da mudança de foco no trabalho. Agora, era sobre a movimentação político-social da Manzo, um caminho que começou com a fundação do Inclua, mas que tomava outros rumos no ano de dois mil e vinte e seis. Uma disputa de espaço na cidade e na política institucionalizada, e uma narrativa de resistência disposta à combater a intolerância religiosa, o preconceito de qualquer espécie e a extrema direita no país.

Como ainda está em desenvolvimento, a pesquisa está sendo desenvolvida a partir de uma abordagem qualitativa, tendo como método principal a etnografia. A escolha da etnografia justifica-se por sua capacidade de captar significados, experiências e práticas cotidianas (Peirano, 1995, cap. 2), permitindo acompanhar a rotina do terreiro Manzo Kalla Muisu, observar questões centrais para a pesquisa e compreender o Candomblé como um modo de vida que ultrapassa o espaço ritual. Ademais, Oliveira (1996) destaca o “Olhar, o Ouvir e o Escrever” como momentos estratégicos do trabalho do antropólogo, os quais são proporcionados pela etnografia. Além disso, realiza-se observação participante e interlocuções com os adeptos e, como filha casa, a observação participante em terreiro pode se tornar mais participante, pela demanda de coisas a serem feitas, do que observação, como confirma Rabelo (2014, p. 25) em sua etnografia “às vezes mais pesquisa, às vezes mais participação”.

1. INSTITUTO EDUCACIONAL E CULTURAL BOIADEIRO LUA BRANCA

A pesquisa é realizada no terreiro de Candomblé Congo-Angola Manzo Kalla Muisu, na cidade de Sobradinho dos Melos, dentro do território do Distrito Federal (DF). A casa não é tão distante do centro de Brasília, fica aproximadamente a trinta e dois quilômetros de distância. O espaço é amplo, em meio à natureza, rodeado pela vegetação típica do cerrado brasileiro. Também, conta com outra vegetação, a qual foi plantada pelos frequentadores da casa, com plantas sagradas utilizadas na ritualística cotidiana. O Rio São Bartolomeu, maior em extensão territorial do DF (Distrito Federal, 2020), passa perto do terreiro, tornando-o parte do espaço ritual da casa. O local tem mais de cem adeptos frequentadores no DF, nem todos se iniciaram na casa ainda. Seus filhos¹ moram em diferentes cidades do DF, uns mais próximos, como Paranoá e Itapoã, e outros mais distantes, como Ceilândia, Taguatinga e Recanto das Emas. Mais, a roça de Candomblé tem casas filiais fora do Distrito

¹ Outra terminologia utilizada para designar os adeptos iniciados na casa e as pessoas frequentadoras com mais constância. No caso, utiliza-se a palavra Muzenza ou Kota para iniciados e Ndumbes para os não iniciados.

Federal, como Montes Claras em Minas Gerais, Corumbá em Goiás e Arraial d'Ajuda na Bahia, o que aumenta o número de filhos e seguidores dessa tradição. Uma particularidade da Kalla Muisu é o forte envolvimento dos seus adeptos em movimentos sociais, partidos políticos de esquerda e organizações comunitárias, por exemplo, há pessoas filiadas ao Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), filiadas ao Movimento Negro Unificado (MNU), assistentes de deputados distritais, etc.

A Manzo tem como zelador o Tat'etu Kanamburá, o qual é homem negro, LGBTI+, gestor público e candidato a deputado federal pelo PSOL. Sua atuação política no DF é ampla e de longa data, pois há anos atua em diferentes frentes de mudança na região, tanto para as populações de terreiro quanto para as populações periféricas ou LGBTI+. Ademais, quanto à esfera religiosa, ele recebe o Boiadeiro Lua Branca e a Pombogira Sete Punhal, duas figuras entendidas como entidades ancestrais no Candomblé Angola. Essas entidades exercem influência singular na vida da sua comunidade, visto que, no caso da Pombogira, ela cuida das questões financeiras, amorosas, pessoais e necessidades atenuantes dos frequentadores da roça. Além disso, no caso do Boiadeiro, ele desejou a formação de algum projeto para colaborar com a educação da comunidade de Candomblé Angola Manzo Kalla Muisu (@inclua_luabranca, Instagram, 2024). Nesse contexto, no ano de 2021, o terreiro criou o Instituto Educacional e Cultural Boiadeiro Lua Branca (Inclua), com a iniciativa de participar da formação e educação de crianças, jovens e adultos, focado no público afrodescendente, mulheres e LGBTQIAP+ em situação de vulnerabilidade. Dentro do Inclua, alguns projetos ganham mais destaque, como o Maracatu do Boiadeiro Boi Brilhante, o Projeto Katendê (educação/cultura), o AFUANA (comunidade LGBTQIAP+), as Sambadeiras de Roda, o Coletivo de Teatro Kafúia de Terreiro e o Busca Folha (saúde).

Em conversa com o Meangunzo, pai pequeno da casa e presidente do Inclua, ele explicou com mais detalhe esse processo de criação do Instituto. Seu surgimento foi a partir de uma ideia para a fundação de uma escola infantil e uma escola de reforço na Manzo para as crianças da comunidade de Sobradinho dos Melos e da própria Manzo. No entanto, somente com essa vontade e necessidade não tinha como realizar esse serviço sem uma grande equipe e uma ajuda externa. Então, em primeiro momento, o pessoal da casa decidiu deixar essa parte educacional em espera e migrou para o âmbito cultural. Nesse segundo momento, foi quando surgiu o grupo Maracatu do Boiadeiro Boi Brilhante, as Sambadeiras de Roda, o grupo Capoeira Maré Cheia, o grupo de cantigas de candomblé. À vista disso, automaticamente surgiu o grupo educacional novamente, mas dessa vez voltado para o setor cultural. Além dos grupos culturais, também ocorreu uma parte voltada à assistência social, com apoio às pessoas LGBTQIAP+, às mulheres e às pessoas negras. O Inclua nasceu, também, da vontade do

“pai Lua” de apoiar as pessoas nos estudos e, a partir disso, a movimentação interna se transformou em uma vastidão de projetos vinculados, os quais emergiram o Instituto.

Diante desse processo, o Inclua hoje é considerado uma Organização da Sociedade Civil (OSC), haja vista que completou cinco anos de existência. Podendo, assim, representar pessoas e comunidades com os projetos hodiernos. Agora o Instituto age, também, como um guarda-chuva institucional e burocrático caso algum grupo precise gerar nota fiscal ou receber financiamento de algum projeto de fomento federal ou distrital, possuindo um contador próprio. Inclusive, está mais estruturado, visto que os grupos ganharam mais independência nas suas lideranças, estão mais independentes, mesmo todos se reportando ao Inclua. Segundo pai Meangunzo, o Inclua é a colocação do religioso no mundo profano, dois mundos que coabitam na cosmologia do Candomblé Congo Angola. A junção da vivência do sagrado, os aprendizados de terreiro, com a da rua, o que está para fora dos limites territoriais da roça, mas que são tão importantes quanto. Logo, a OSC Inclua tornou-se em um veículo de informação e de combate à intolerância religiosa, um movimento institucionalizado de resistência e um modo de ser do Candomblé Congo Angola na modernidade, aprendendo no presente à como lidar de uma forma política com o mundo.

1.1 Referências

Sobre o Candomblé e a modernidade, Sodré (2019), com estudos sobre o terreiro e a cidade, destaca a relação entre o espaço urbano e as dimensões internas dos terreiros, proporcionando uma discussão sobre o Inclua e seus impactos dentro e fora do terreiro. Silva (2022) dialoga com Sodré (2019) ao pensar o Candomblé na metrópole e, assim, disponibiliza um meio para pensar o terreiro pesquisado e suas ações no contexto da modernidade. Ademais, Sousa Junior (2011) conversa com os dois autores quando discute o Candomblé e a modernidade e, além disso, viabiliza pensar as articulações da Manzo como um exercício de cidadania quando traz essa proposta sobre as religiões de matriz africana.

Para ressaltar sua dimensão político-existencial, alguns autores têm discutido o Candomblé como modo de vida. Segundo Alves (2024), o Candomblé é uma vivência e uma política de vida, pois rompe com a política de morte institucionalizada e ressignifica os percursos das pessoas negras por meio de uma política de vida inspirada no modo de vida do Candomblé. Para Almeida (2019), foi importante ver a atuação de terreiros na formulação de políticas públicas nacionais voltadas aos adeptos de tradições de matriz africana e a luta política das comunidades para a produção de narrativas sobre o direito à autodeterminação como povo tradicional. Ela ainda pontua sobre as violências étnico-

religiosas, as quais geram profundas transformações nas tradições, chegando até ao fechamento de terreiros e inviabilizando a “reprodução de um modo de vida”. Nesse contexto, Ramos (2017) compreendeu o Candomblé como um “Sistema de Sentido Totalizante de Vida”, haja vista que as categorias analíticas ocidentais sobre religião reduzem o Candomblé, e as narrativas das religiões afro-brasileiras produzem uma relação com o cotidiano dos indivíduos de forma mais ampla.

Outros estudos enfatizam a atuação comunitária e política dos terreiros, como Brito (2012) pesquisou a trajetória de sacerdotes do Candomblé em Belém e percebeu que seus engajamentos e suas ações viraram um verdadeiro projeto de vida por meio do envolvimento político, social e cultural. Isso refletiu na noção de legitimidade religiosa na capital e gerou uma busca por identidade afro-religiosa para as suas comunidades tradicionais de terreiro. Nesse âmbito, Maués (2023) investigou a atuação política e social de mulheres negras dentro e fora dos terreiros de Candomblé, e concluiu que as articulações dessas mulheres alcançam toda a comunidade de terreiro ao ponto de influenciar nos seus modos de vida. Nessa esfera, Sacramento (2016) analisou o momento sociopolítico dos terreiros de Candomblé na época da pesquisa e percebeu a movimentação dos sujeitos iniciados frente ao Estado, concluindo que a procura por participar de políticas públicas e estar próximos do Estado foi uma resposta aos desafios de sobrevivência em um contexto de aumento das perseguições aos terreiros.

Por fim, há investigações mais voltadas à socialização e vivência dos terreiros, destacando sua pluralidade. Conforme Tomba Samba (2019), a socialização nos terreiros de Candomblé Congo-Angola proporcionam uma organização social bantu de interação, a qual enfatiza a “reinvenção da África central no Brasil”. Ainda, identificou a vivência ou o modo de vida como não padronizados ou universais para os terreiros de diferentes nações. Para Piedade (2023), o Candomblé é importante para a formação de vida, pois a partir da convivência é possível fazer trocas com os outros por meio das emoções, das vozes, das histórias e das crenças. Essas pesquisas, embora distintas, convergem para a compreensão do Candomblé como prática que ultrapassa a religião, articulando dimensões políticas, sociais e existenciais.

Na perspectiva sobre corpo, território e identidade, Sodré (2019) propõe a ideia de corpo-território, oferecendo uma chave de leitura essencial para pensar as experiências corporais e espirituais na Manzo Kalla Muisu, onde o corpo dos iniciados se constitui como espaço de memória, resistência e reinvenção da vida cotidiana. Nesse contexto, Beatriz Nascimento, no documentário *Ori* (1989), narra “A terra é o meu quilombo, meu espaço é o meu quilombo. Onde eu estou, eu estou. Onde eu estou, eu sou”, para elucidar sua ideia de “corpo documento”, ou seja, o corpo de um indivíduo é a

sua identidade, uma vez que carrega sua história, seu território e sua cultura. Assim, pode-se refletir sobre a relação do indivíduo consigo mesmo, as relações produzidas dentro de uma roça de Candomblé, a forma com que as pessoas se posicionam no mundo a partir da iniciação na tradição e a projeção do Candomblé por esses corpos, não se restringindo ao espaço do terreiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho é parte de uma pesquisa de Mestrado ainda em andamento. Logo, há conclusões parciais, como o entendimento de candomblé como um modo de vida, algo mais amplo na existência de um indivíduo, não se restringindo ao campo religioso (Nascimento, 2016), visto que as ações dos adeptos da Manzo Kalla Muisu exercem influência social e política dentro e fora do espaço do terreiro. Além disso, a criação de uma Instituição é uma forma de mostrar a extensão do Candomblé Congo-Angola, para além das cercas da Manzo, como um agente político e social capaz de proporcionar transformação (Almeida, 2019). Outrossim, é uma forma de dar continuidade ao legado ancestral, lutando contra as tentativas de apagamento da tradição, o preconceito e o racismo religioso. A partir desse entendimento, encontram-se pesquisas correlatas, interessadas em demonstrar diferentes formas de atuação de outros terreiros, tanto na expansão da compreensão sobre o que é o Candomblé quanto na forma de agir na vida pública.

Um pensamento que parece consensual entre os frequentadores da casa é a de terreiro enquanto um espaço político, não só porque ali revivem a ancestralidade e o seu direito de manifestar a religiosidade e o estilo de vida que desejam, mas também é político porque compreendem a importância de agir em espaços de tomadas de decisões. Seus adeptos compreendem o terreiro não só como um local de expressão religiosa, mas como parte do corpo de cada um que ali dentro habita gerando uma representação no mundo externo. Então, se as pessoas possuem características que as tornam agentes políticos, o terreiro assim se faz. Do mesmo modo que um terreiro é um espaço político desde a sua formação histórica, as pessoas em seu interior precisam se transformar nessa direção.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rosiane Rodrigues de. **A luta por um “modo de vida”**: as narrativas e estratégias de enfrentamento ao racismo religioso do Fórum Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional dos Povos Tradicionais de Matriz Africana (FONSANPOTMA). Orientadora: Dra. Ana Paula Mendes de Miranda. 2019. Tese de Doutorado em Antropologia - Universidade Federal Fluminense, Niterói. 2019.

ALVES, Adeir Ferreira. **Vidante:** um filosofar de candomblé. Orientador: Dr. Wanderson Flor do Nascimento. 2024. Tese de Doutorado em Metafísica - Universidade de Brasília, Brasília. 2024.

BRITO, Selma de Sousa. **Trajetórias religiosas e projetos de vida:** engajamento político, social e cultural entre sacerdotes de candomblé na cidade de Belém-PA. Orientadora: Dra. Denise Machado Cardoso. 2012. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais - Universidade Federal do Pará, Belém. 2012.

DISTRITO FEDERAL. **Instituto de Pesquisa e Estatística do Distrito Federal (IPEDF).** Atlas do Distrito Federal 2020. Brasília, DF: IPEDF, 2020. Disponível em: ipe.df.gov.br. Acesso em: 29 jul. 2026.

INSTITUTO EDUCACIONAL E CULTURAL LUA BRANCA. **Inclua.** Instagram, 2024. Disponível em: https://www.instagram.com/inclua_luabranca?igsh=MWJpbDE0cjZ2OGdnaA==. Acesso em: 23 de julho de 2025.

MAUÉS, Fiana Góes. **Das Mametus às Muzenzas:** as articulações e vivências de mulheres negras dentro de um terreiro de Candomblé e os reflexos no exercício da vida em comunidade. Orientador: Dr. Rodrigo Correa Diniz Peixoto. 2023. Dissertação de Mestrado em Antropologia - Universidade Federal do Pará, Belém. 2023.

NASCIMENTO, Wanderson Flor do. **Sobre os candomblés como modo de vida:** Imagens filosóficas entre Áfricas e Brasis. Revista Ensaios Filosóficos, Rio de Janeiro, v. 13, p.153-170, agosto, 2016. Disponível em: https://www.ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo13/00_Revista_Ensaios_Filosoficos_Volume_XIII.pdf.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir, escrever. **Revista De Antropologia**, 39(1), 13-37, 1996. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.1996.111579>. Acesso em: 15 de julho de 2025.

ÔRÍ. Direção: Raquel Gerber. Roteiro: Beatriz Nascimento. Fotografia: Hermano Penna, Pedro Farkas, Jorge Bondanzky. Rio de Janeiro: Angra Filmes, 1989. 91 min.

PEIRANO, Mariza. **A favor da etnografia.** Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

PIEIDADE, Renan Silva da. **(Des)aprendizagens crítico-reflexivas no/sobre os Candomblés:** trajetórias, performances e formas de vida autoetnografadas. Orientadora: Dra. Adriana Nogueira Accioly Nóbrega. 2023. Tese de Doutorado em Letras - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2023.

RABELO, Miriam. **Enredos, feitura e modos de cuidado:** dimensões da vida e da convivência no candomblé. Salvador: EDUFBA, 2014.

RAMOS, Wellington Santos. **Candomblé:** religião ou sistema de sentido totalizante de vida? Análise a partir dos pensamentos descolonial e tradicional africano. Orientador: Dr. Jung Mo Sung. 2017. Tese

de Doutorado em Ciências da Religião - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo. 2017.

SACRAMENTO, Mariana Pereira do. **Povos Tradicionais de Terreiro: Memória, Resistência e Construção das Relações nas Políticas Públicas**. Orientador: Dr. Amir Geiger. 2016. Dissertação de Mestrado em Memória Social - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2016.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Orixás da Metrópole**. 2ª ed. São Paulo: FEUSP, 2022.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2019.

SOUSA JUNIOR, Vilson Caetano de. **Na palma da minha mão: temas afro-brasileiros e questões contemporâneas**. Salvador: EDUFBA, 2011.

TOMBA SAMBA, J. A. **A Vivência e a Reinvenção da África Central Bantu na religião de Matriz Africana em Itapequerica da Serra (SP) e em Maricá (RJ): Candomblé Congo Angola**. Orientadora: Dra. Luena Nascimento Nunes Pereira. 2019. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica. 2019.

DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS DA PESQUISA

Todo o conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

FINANCIAMENTO

Esta pesquisa não recebeu nenhuma subvenção específica de qualquer agência de financiamento dos setores público, privado ou sem fins lucrativos.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE

A autora declara que não há conflito de interesses a mencionar.

MINIBIOGRAFIAS DOS/DAS AUTORES DO PAPER

Lorraine Cardoso Dias é Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social pela Universidade Federal de Pernambuco e integrante do Observatório de Cultura, Religiosidade e Emoções liderado pela professora e pesquisadora Roberta Campos.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.